

Incorporação nominal e (in)transitividade em Asurini do Xingu

Noun incorporation and (in)transitivity in Asurini do Xingu

Antônia Alves PEREIRA¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este artigo analisa os efeitos da incorporação nominal na (in)transitividade da sentença em Asurini do Xingu (Tupi-Guarani). A concepção de transitividade adotada no trabalho é a tipológico-funcional. Partimos da ideia de que a transitividade é uma propriedade presente em todas as línguas, mas que se manifesta de forma distinta, isto é, cada língua usa parâmetros diferentes para codificá-la, mesmo partindo dos mesmos princípios. Dessa perspectiva, parte-se da análise das propriedades predicativas do verbo, predicador por excelência, e discute-se a transitividade da sentença. A partir desse ponto de vista, discute-se a transitividade da sentença derivada envolvendo a incorporação total do objeto e a transitividade envolvendo a incorporação parcial do objeto e do sujeito, nos casos de ascensão do possuidor. Os resultados mostram que os diferentes processos de incorporação nominal afetam distintamente a transitividade da sentença, ocorrendo maior redução nos traços de transitividade nas derivações que envolvem incorporação total do objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Transitividade. Incorporação nominal. Asurini do Xingu

ABSTRACT: This article analyzes the effects of noun incorporation on sentence (in)transitivity in Asurini do Xingu (Tupi-Guarani). The concept of transitivity adopted in this work is typological-functional, based on the idea that transitivity is a property present in all languages, but manifests differently, i.e., each language uses different parameters to encode it, even based on the same principles. From this perspective, we start by analyzing the predicative properties of the verb and discuss transitivity as a property of the sentence. The work discusses the transitivity of the derived sentence involving the total incorporation of the object and the transitivity involving the partial incorporation of the object and the subject in cases involving the ascension of the possessor. The results show that the different processes of nominal incorporation affect distinctly the transitivity of the sentence, with a greater reduction in the transitivity features in derivations that involve total incorporation of the object.

KEYWORDS: Transitivity. Noun incorporation. Asurini do Xingu

¹ Doutora em Linguística, professora e pesquisadora na Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Pará, Brasil. E-mail: antonia@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5167-9808>

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da incorporação nominal (doravante também IN) na (in)transitividade das sentenças em Asurini do Xingu. É bem divulgado na tipologia linguística o papel da IN como uma categoria que atua diretamente na transitividade da sentença, afetando seus arranjos e argumentos. Esse dispositivo, via de regra, age diminuindo os traços de transitividade da sentença. Neste trabalho, mostramos que a IN pode intransitivar um predicado, mas também são encontradas construções em que tal efeito não ocorre, mostrando, dessa forma, que na língua Asurini do Xingu, o processo de IN pode transformar um verbo transitivo em intransitivo, característica mais comum, mas também pode manter o verbo transitivo, ocorrendo, contudo, neste último caso, alteração na estrutura de participação do evento verbal, além de alterações nos traços de transitividade da sentença.

O povo Asurini do Xingu vive no município de Altamira, estado do Pará, Brasil, sendo a população composta por aproximadamente 190 pessoas. Esse povo já esteve à beira da extinção, chegando a somar 50 indivíduos na metade do século XX. Apesar de a população ter aumentado significativamente, ainda é uma língua que se encontra em grave perigo de extinção. O Asurini do Xingu é uma língua da família Tupi-Guarani, pertence ao grupo IV, conforme classificação interna proposta para a família por Rodrigues e Cabral (2002).

Essa língua tem em comum com outras línguas da família várias características, como: a ordem básica dos constituintes SOV (sujeito, objeto e verbo) - apesar de a língua apresentar outras ordens, de acordo com a estrutura da informação, ou seja, o uso de uma ordem ou outra, normalmente, está atrelado aos efeitos comunicativos que o falante deseja obter); é uma língua de sistema posposicional; o genitivo precede o nome, sendo o nominal possuído assinalado com prefixo relacional para mostrar a relação entre possuidor e possuído no sintagma nominal; os nomes funcionam, primariamente, como predicado, isto é, sem nenhuma morfologia especial, e há uma cisão no sistema dos verbos intransitivos (verbos intransitivos ativos e verbos intransitivos estativos), revelando ser o Asurini do Xingu uma língua de estrutura ativo-estativa; é uma língua de morfologia abundante.

O trabalho segue os pressupostos teóricos da linguística tipológico-funcional. Os dados foram coletados *in loco* e são provenientes de eliciações, narrativas míticas, narrativas de experiência pessoal e conversas em contexto natural, sendo testados,

posteriormente. Em todas essas etapas, o trabalho contou com o apoio dos falantes nativos.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, tratamos de aspectos tipológicos relacionados à incorporação nominal e à transitividade nas línguas. Na segunda parte, discutimos os efeitos da IN na (in)transitividade da sentença em Asurini do Xingu. Finalmente, na última parte, apresentamos as considerações finais.

1 Considerações sobre incorporação nominal e transitividade numa perspectiva tipológico-funcional

A transitividade é uma característica central nas línguas humanas, sendo, assim, um artefato de extrema importância para a análise e a descrição de uma língua. Tipologicamente, as línguas apresentam traços comuns de transitividade, sendo considerados universais, mas apresentam também estratégias próprias e variadas para manifestar a transitividade de suas sentenças. Apesar de os argumentos de uma sentença poderem ser depreendidos da forma básica do verbo, as línguas apresentam recursos que possibilitam seu ajuste, podendo aumentá-los ou diminuí-los, sendo a incorporação nominal conhecida como um dos operadores que atua diretamente na redução dos traços de transitividade da sentença.

1.1 Incorporação nominal

A operação de incorporação nominal é conceituada por Sapir (1911) como a combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal que resulta em um verbo derivado. Nesse mesmo sentido, Mithun (1984) diz que a incorporação do nome ao verbo forma uma unidade complexa, apresentando uma relação semântica com o verbo que pode ser de paciente, de instrumento ou de localização. Dessa forma, trata essa operação como o resultado de um processo morfológico: “The term 'incorporation' is generally used to refer to a particular type of compounding in which a V and N combine to form a new V.” (Mithun, 1984, p.848).

De outro ponto de vista, Baker (1988) analisa essa operação como o resultado do movimento de um núcleo inferior para figurar em outro núcleo hierarquicamente superior,

sendo, assim, uma operação sintática. Essa discussão é fértil; porém, pela natureza deste trabalho, não percorreremos este caminho. Assumimos, contudo, tratar-se de uma operação morfossintática, visto que a sentença derivada por IN sofre alterações morfológicas e sintáticas na sua estrutura e no seu funcionamento.

Mithun (1984) demonstra que as línguas naturais podem exibir até quatro tipos de IN, que servem a propósitos distintos. No que tange aos efeitos na valência da sentença, discutimos dois tipos de IN, que são diferenciados pela autora nos seguintes termos:

Type I NI simply lowers the valence of the V when it derives intransitive predicates from transitive ones; but Type II NI advances an oblique argument into the case position vacated by the IN. When a transitive V incorporates its direct object, then an instrument, location, or possessor may assume the vacated object role. When an intransitive V incorporates its subject, another argument may be advanced to subject status 2. (Mithun, 1984, p. 856)

A estrutura argumental da sentença passa por significativas transformações, assim como a relação entre seus participantes, embora a sentença possa se manter transitiva após a IN. A operação de IN mais difundida nas línguas é aquela que transforma uma sentença transitiva em uma sentença intransitiva. Após esse processo, a estrutura argumental da sentença passa a comportar apenas um participante principal, que desempenha a função sintática de sujeito.

Morfossintaticamente, é difundido, pela tipologia linguística, que o verbo derivado através desse processo funciona com os elementos do mesmo tipo verbal de sua estrutura básica. Entretanto, o nome incorporado perde definitude, número e marca de caso que o autorizavam, por exemplo, a funcionar como objeto direto, sendo, portanto, incorporado ao complexo verbal e não mais sendo reconhecido como objeto direto naqueles casos que envolvem incorporação total desse argumento. Não obstante, nesse tipo de operação, é possível que a posição deixada vazia- diante da incorporação parcial do SN que funciona como objeto- seja preenchida naquela situação envolvendo ascensão do possuidor. Nessa circunstância, o possuidor assume o caso e passa a desempenhar a função sintática do elemento que foi incorporado, fazendo com que a sentença permaneça

² “A IN de Tipo I simplesmente reduz a valência do V quando deriva predicados intransitivos a partir de transitivos; mas a IN de Tipo II promove um argumento oblíquo para a posição de caso deixada vazia pela IN. Quando um V transitivo incorpora seu objeto direto, então um instrumento, locativo ou possuidor pode assumir o papel de objeto vacante. Quando um V intransitivo incorpora seu sujeito, outro argumento pode ser promovido ao status de sujeito. (Mithun, 1984, p. 856, Tradução nossa)

biargumental, suportando um argumento interno e outro externo, embora ainda se possa argumentar a favor de mudanças funcionais decorrentes da operação de IN, como a alteração no foco da informação.

1.2 Transitividade

A transitividade é tratada pela concepção clássica como uma categoria que especifica se um verbo pode ou não requerer um objeto. Conforme Velupillai (2012, p.237), os verbos se agrupam em diferentes classes, sendo a principal divisão entre aqueles que apresentam objeto(s) e aqueles que não suportam um objeto. Disso, surge a divisão entre verbos intransitivos e verbos transitivos:

-Verbo intransitivo (que literalmente significa ‘não transitivo’, que não transita) tem apenas um argumento nuclear, que é o sujeito, ou não apresenta argumento nuclear.

-verbo transitivo (do latim *transire* ‘transportar’), por outro lado, tem dois participantes que mantêm algum tipo de relação um com o outro, tipicamente, o sujeito age sobre o objeto de alguma forma.

- Verbo bitransitivo (literalmente ‘dois-transitivos’) suporta dois objetos, o que significa que a cláusula tem três argumentos nucleares, que desempenham as funções de sujeito, objeto direto e objeto indireto.

Conforme Hopper & Thompson (1980), as línguas possuem universalmente estruturas morfossintáticas que refletem o grau de transitividade de uma oração. Esses autores sustentam que a transitividade deve ser vista como uma propriedade das orações, ou seja, deve ser entendida como uma propriedade que envolve toda a sentença. Vista sob esse prisma, a transitividade é depreendida a partir da relação entre todos os seus elementos constitutivos da sentença, e não apenas do verbo, como na concepção tradicional. Assim, esses autores propõem que a transitividade de uma sentença seja obtida a partir de traços, podendo uma oração apresentar alta ou baixa transitividade, conforme a presença ou ausência de tais traços em sua estrutura, respectivamente. Em conformidade com eles, são traços de alta transitividade: (1) dois ou mais participantes em uma sentença A e O, (2) ação, (3) aspecto télico, (4) pontualidade, (5) volição, (6) afirmação, (7) modo *realis*, (8) alta agentividade, (9) afetação total do O e (10) O altamente individuado. Assim, quanto mais desses traços ocorram numa sentença, mais

transitiva ela é; inversamente, quanto menos desses traços ela apresenta, menos transitiva ela é. Destaque-se, contudo, que, de acordo com esses autores, essas propriedades podem variar de língua para língua.

Para Creissels (2016), a noção de transitividade engloba a transitividade semântica e a transitividade sintática, sendo esta última definida a partir da transitividade semântica. No entanto, em conformidade com o autor, é fundamental distingui-las, pois não necessariamente coincidem: construções sintaticamente transitivas não se referem necessariamente a eventos semanticamente transitivos, como em a) *A criança viu um cachorro*, e eventos transitivos não são necessariamente codificados por construções transitivas, como em b) *O vidro foi quebrado pelo filho*. A partir disso, o autor define transitividade semântica e transitividade sintática nos seguintes termos:

Semantic transitivity refers to the type of interaction between participants in two participant events. As a semantic notion, it is gradient rather than categorical: two participant events should not be characterized as transitive *vs.* non-transitive, but rather as more or less transitive. Prototypical transitive events (or events characterized by the highest possible degree of transitivity) involve a change of state or position undergone by one of the two participants (the patient) and triggered by the action of the other participant (the agent); moreover, prototypical transitivity implies that the action of the agent is conscious and voluntary, and aims at changing the state of the patient or controlling its position³. (Creissels, 2016, p. 18)

Segundo Givón (2001), a transitividade é um fenômeno complexo que envolve os componentes semânticos e sintáticos. Dessa maneira, esse autor, assim como Creissels (2016), define a transitividade em termos semânticos e em termos sintáticos. Semanticamente, para esse autor, o evento transitivo protótipo é definido pelas propriedades semânticas do agente, do paciente e do verbo na oração. Assim, um evento transitivo protótipo tem as características seguintes:

- a. Agentividade: ter um agente intencional, ativo;
- b. Afetação: ter um paciente concreto e afetado;

³ A transitividade semântica refere-se ao tipo de interação entre os participantes em eventos contendo dois participantes. Como noção semântica, é mais gradiente do que categórica: eventos com dois participantes não devem ser caracterizados como transitivos *versus* intransitivos ou não transitivos, mas sim como mais ou menos transitivo. Eventos transitivos prototípicos (ou eventos caracterizados pelo maior grau de transitividade) envolvem uma mudança de estado ou posição sofrida por um dos dois participantes (o paciente) e desencadeada pela ação do outro participante (o agente); Além disso, a transitividade prototípica implica que a ação do agente é consciente e voluntária, e visa mudar o estado do paciente ou controlar sua posição. (Creissels, 2016, p. 18, tradução nossa)

c. Perfectividade: envolver um evento concluído.

Já a definição de transitividade sintática, para ele, está sujeita a variações entre as línguas, sendo possível afirmar, apesar disso, que para a maioria das línguas o protótipo de cláusulas e verbos transitivos são aqueles que têm um objeto direto. Todos os outros são sintaticamente intransitivos.

Portanto, como se pode observar, a concepção de transitividade apresentada por Givón distingue-se substancialmente daquela apresentada por Hopper e Thompson, apesar de ambos se enquadrarem na vertente funcionalista norte-americana, compartilhando diversos pontos, como aquele segundo o qual a transitividade envolve propriedades semânticas e sintáticas. Enquanto Givón centra sua análise nas propriedades dos participantes- agente e paciente- e do evento verbal; Hopper & Thompson partem da noção de que a transitividade da sentença é o produto da reunião dos seus traços constitutivos, na sua totalidade.

Apesar de as definições de transitividade semântica e de transitividade sintática estarem centradas em domínios distintos, parecendo independentes entre si, existe uma forte sobreposição entre elas. Conforme Givón (2001), na maioria das línguas, grande parte das orações simples que são semanticamente transitivas também são sintaticamente transitivas. Dessa maneira, a transitividade semântica, que tem seus participantes codificados como agente e como paciente, pode refletir essa relação na transitividade sintática, sendo o agente o sujeito, e o paciente o objeto da oração. Entretanto, destaque-se que, embora exista uma relação entre papéis semânticos e funções sintáticas, essa relação não é absoluta, ou seja, é possível que um mesmo papel semântico possa corresponder a papéis sintáticos distintos, especialmente quando se trata de diferentes línguas. Os exemplos abaixo, extraídos da língua portuguesa, ilustram a função sintática sujeito correspondendo a diferentes papéis semânticos:

Pedro socou *João* (sujeito/agente)

O cachorro morreu (sujeito/paciente)

Pedro ama *Mara* (sujeito/experienciador)

O serrote derrubou a árvore (sujeito/instrumento)

A professora recebeu as flores (sujeito/beneficiário)⁴

⁴ Sabe-se que na literatura são encontradas divergências na concepção de alguns papéis temáticos. A concepção adotada aqui é aquela que se encontra em Chafe (1979).

Dessa sorte, embora se possa afirmar, com sobriedade, que o papel semântico agente corresponde à função sintática de sujeito, essa função também pode corresponder a outros papéis semânticos, situação análoga ocorre com o objeto direto, cujo papel semântico representante maior é o paciente, mas que à semelhança do sujeito, também pode ser representado por outros papéis semânticos, ocorrendo ainda variação de língua para língua.

Dessa forma, o fato de papéis semânticos distintos poderem desempenhar funções sintáticas distintas mostra por um lado, a variação nos parâmetros de transitividade nas línguas e, por outro lado, os diferentes graus de transitividade de uma sentença, além de demonstrar que, apesar de os campos semânticos e sintáticos se relacionarem intensamente, cada um age dentro de um domínio, alcançando metas e desempenhando funções distintas. Por isso, partindo da visão de autores como Givón, fala-se em sentenças prototipicamente transitivas, aquelas em que as funções sintáticas sujeito e objeto são preenchidas, respectivamente, pelos papéis semânticos agente e paciente, e sentenças transitivas em geral, aquelas em que o sujeito não é necessariamente agente, nem o objeto necessariamente paciente, como em a e b, respectivamente: a) *O homem matou a cobra* e b) *A menina olhou a boneca*.

A IN é conhecida tipologicamente como uma categoria que atua diretamente na (in)transitividade da sentença (Payne, 1997; Creissels, 2016; Dixon & Aikhenvald, 2000), reduzindo os traços de alta transitividade ou, no máximo, mantendo-os, nos casos envolvendo ascensão do possuidor, mas nunca aumentando-os. A seguir, analisamos como a IN afeta a transitividade da sentença na língua Asurini do Xingu.

2 Efeitos da Incorporação nominal na (in) transitividade em Asurini do Xingu

Em Asurini do Xingu, a incorporação do objeto pode ocorrer de duas formas: a) incorporação total e b) incorporação parcial, ambas servem a propósitos comunicativos distintos e apresentam características morfossintáticas diferentes (Pereira, 2023). Essas formas de ocorrências da incorporação nominal já foram também descritas em outras línguas da família, entre elas: Guaraní (Velazquez-Castillo, 1996), Kamaiurá (Seki, 2000), Emerillon (Rose, 2003) e Tenetehára (Castro, 2020).

A seguir, descrevemos seu funcionamento e as consequências para a morfossintaxe das sentenças derivadas, especialmente aquelas ligadas diretamente aos traços de transitividade.

2.1 Efeitos morfossintáticos advindos da Incorporação total do objeto direto

A posição de ocorrência da IN em Asurini do Xingu é antes do radical verbal e depois do índice de pessoa, como se pode ver em (1b). A remoção total do nome que figura no SN desempenhando a função de objeto direto, na estrutura sintática da sentença no exemplo (1a), para o complexo verbal em (1b), reduz os traços de transitividade da sentença derivada.

(1a) *kujema'e yvyra u-manaka*⁵

homem lenha 3- cortar

A O V

‘o homem cortou lenha’

(1b) *kujema'e u-yvyra-manaka*

homem 3-lenha- cortar

‘o homem cortou sua lenha’ (no sentido ter cumprido uma atividade)’

Observamos em (1a) uma sentença transitiva prototípica, formada pelo verbo - *manaka* e dois participantes, cujos papéis semânticos são agente e paciente, respectivamente, refletindo alta transitividade semântica e, neste caso, espelho também de alta transitividade sintática da sentença. Após a incorporação do nome *yvyra* ao verbo, a sentença derivada passou a apresentar traços típicos de baixa transitividade: um argumento nuclear e o verbo, já que O foi incorporado e perdeu, em consequência disso, suas propriedades de objeto.

⁵ Abreviaturas e convenções: A=Sujeito de sentença transitiva, CAUS=Causativo, F= Feminino, GN=Genérico, IMP=Modo imperativo, LN=Locução nominal, NPR=Nome próprio, M=Masculino, O=Objeto, PART=Partícula PL=Plural, POSP=Posposição REFL= reflexivo, REL=Prefixo relacional, Sa= Sujeito de sentença intransitiva ativa, SG=Singular, SN= Sintagma nominal, So= Sujeito de sentença intransitiva descritiva, V=verbo, 1=1a pessoa, 2= 2a pessoa, 3=3a pessoa

O conteúdo semântico do verbo que incorporou o nome passou a designar uma atividade típica da comunidade e não mais a ação de um agente sobre um paciente, refletindo, diante disso, a perda da capacidade referencial do nome. Dados como esses reforçam pressupostos teóricos sobre o funcionamento da transitividade nas línguas do mundo. Conforme autores como Hopper e Thompson (1980), eventos com dois participantes são mais transitivos que eventos com um participante; ações são mais transitivas que as não ações. Ainda corroboram o que afirma Kulikov (2010, p. 16) sobre a incorporação geralmente indicar o baixo *status* referencial do argumento incorporado, genérico, não individualizado, indefinido, entre outros.

No Asurini do Xingu, duas formas genéricas, *mama'e* e *furu*, cujas traduções para a língua portuguesa são 'coisa' e 'gente', respectivamente, à semelha de nomes também podem ser incorporadas a verbos. De maneira análoga a esses nomes, o processo de incorporação implica perda da capacidade de referenciar. Quando são incorporadas ao verbo, a sentença diminui radialmente seus traços de transitividade, passando o verbo a funcionar como um verbo intransitivo. A transitividade da sentença envolvendo essas duas formas genéricas já é, naturalmente, mais baixa que a transitividade envolvendo incorporação total de um nome objeto, como aquele tipo que figura em (1a), visto que fazem referências gerais, inexistindo individuação do objeto na sentença primitiva.

Os dados abaixo ilustram essa situação:

(2a) *mypikudja Reme gy u-apa*
 Pulseira PART 3PL 3-fazer
 'eles faziam pulseiras das antigas (ao modo antigo)'

(2b) *pe-mama'e-apa*
 2PL.IMP-GN-fazer
 'façam (alguma) coisa/algo'

(3a) *dje jakare a-u*
 1SG jacaré 1-comer
 'eu comi jacaré'

(3b) *ka 'i u-furu- 'u*
macaco 3- GN-comer
'macaco come (gente)'

(3c) *Maia u-furu-mamaka*
Cobra 3- GN-morder (gente)
'cobra morde (gente)'

Conforme se pode observar nos dados (2a) e (3a), as sentenças apresentam traços que exprimem alta transitividade, ou transitividade prototípica:

- a) dois participantes: sujeito, semanticamente agente, e objeto, semanticamente paciente;
- b) aspecto perfectivo, os eventos foram concluídos;
- c) pontualidade dos verbos: as ações de fazer e comer são pontuais;
- d) intencionalidade: as ações foram executadas intencionalmente;
- e) polaridade: trata-se de orações afirmativas;
- f) modo *realis*, a ação aconteceu em um mundo real;
- g) o objeto em ambas as sentenças foi completamente afetado e
- g) trata-se de objetos individuados.

Quando ocorre a incorporação das formas genéricas aos verbos, nos exemplos (2b), (3b) e (3c), a sentença derivada tem sua transitividade diminuída, sua predicação deixa de ser transitiva e assume a forma intransitiva, conforme a visão clássica de transitividade. Assim, as marcações morfossintáticas tendem a ser sensíveis a essa transitividade mais baixa. Sintaticamente, a sentença tem reduzido seu número de participantes, passando a figurar com um argumento nuclear único, o sujeito. Além da ausência de um segundo participante na estrutura da sentença, os eventos descritos nos verbos parecem se prolongar no tempo, no sentido de continuidade, como atividades habituais, sendo, portanto, atélícos.

Nesse tipo de incorporação, o referente está fora do verbo, é representado por um nome específico e aparece incorporado ao verbo sob a roupagem de um nome genérico. Assim, a sentença tem sua transitividade reduzida, como ocorre diante da incorporação total do objeto. Entretanto, seu propósito é distinto: esse tipo de incorporação recupera a informação de um SN externo; enquanto a incorporação total do objeto forma um

composto que designa uma nova atividade. A seguir, discutimos os traços morfossintáticos das construções que envolvem a incorporação total do objeto direto

De acordo com Mithun (1984) e Hopper & Thompson (1980), as evidências que assinalam a intransitividade do complexo verbal podem ser encontradas em processos morfológicos que diferenciam radicais transitivos de radicais intransitivos. Nessa parte, vamos analisar como processos morfossintáticos ajudam na identificação da intransitividade das sentenças derivadas por incorporação em Asurini do Xingu.

As características apresentadas abaixo servem para mostrar que o complexo verbal resultante da incorporação nominal funciona como um verbo intransitivo, portanto, representando uma estrutura de baixo grau de transitividade.

A estrutura sintática da oração apresenta apenas um argumento nuclear, como se pode ver abaixo:

- (4) *ẽ* *u-amynidju- pivĩn*
3SG.F 3-algodão-fiar
'ela fia' (ela faz fios de algodão)

Além disso, o complexo verbal intransitivo derivado por IN pode receber o nominalizador {-ma' e}, que ocorre exclusivamente em radicais intransitivos, conforme Pereira (2023).

- (5) *a-etxak* *Kujĩ* *u-furu-djuak-ama'e*
1-ver Mulher 3-GN-pintar-NZ
'eu vi a mulher que pinta (gente)

Outra característica que demonstra a intransitividade do complexo verbal é o fato de este poder ser causativizado com {mu-}, que conforme Pereira (2022) é morfema que só se anexa a verbo intransitivo, seja este primariamente intransitivo ou intransitivo por derivação. No caso em tela, o dado abaixo ilustra a situação resultante de uma

intransitivização via morfema reflexivo *-dje*⁶. Após esse processo, ele pode receber o causativo {mu-}.

- (6) dje a-dje-pyjuĩ-mu-ka
1SG 1-REFL-tornozelo-CAUS-torcer
'eu torci-me (n)o tornozelo'

2.2 Efeitos morfossintáticos advindos da incorporação envolvendo ascensão do possuidor

A IN envolvendo ascensão do possuidor é tipologicamente conhecida como um processo que possibilita o preenchimento da posição deixada vazia mediante a incorporação do nome núcleo. Esse processo pode envolver a incorporação parcial do objeto ou do sujeito inacusativo, conforme Baker (1988).

A seguir, discutimos como esse processo de IN funciona na língua Asurini do Xingu, iniciamos com a ascensão do possuidor a objeto e, na sequência, tratamos da ascensão do possuidor a sujeito.

Conforme vimos acima, a incorporação nominal resultante da incorporação total do objeto ao verbo resulta em uma estrutura oracional que apresenta um único argumento nuclear, desempenhando a função Sa junto ao complexo verbal. Já a incorporação a verbo transitivo que envolve parte do corpo, via de regra, apresenta dois SNs: um deles estabelece concordância com o complexo verbal, é o sujeito da oração, o argumento agentivo; o outro é o objeto direto, que não apresenta marca de concordância com o verbo, o que é comum nas línguas dessa família e está de acordo com a tendência linguística, segundo a qual são poucas as línguas em que se encontra concordância do verbo com o sujeito e com o objeto simultaneamente. A operação pode ser visualizada nos dados abaixo em que é incorporada apenas parte do núcleo do SN que funciona como objeto direto da construção, deixando o seu possuidor fora da operação.

- (7a) *mytũ Ø-pepa ere-va'a*

⁶ Veremos mais a frente que quando um termo possuído que se incorporou é parte do nome possuidor, ocorre a reflexivização necessária da sentença, diminuindo seus traços de transitividade.

mutum REL-pena 2-arrancar
'você arrancou pena do mutum'

(7b) *mytũ ere-pepa-va'a*
NPR 2-pena-arrancar
'você depenou o mutum'

Como se pode observar, diante da incorporação de parte do SN que figurava como O, o possuidor ascendeu a objeto, ocupando a posição que se encontrava vazia. Há algumas propriedades do objeto direto que precisam ser discutidas.

Diante da incorporação parcial do SN que desempenhava a função de objeto, a estrutura oracional, apesar de se manter transitiva, sofreu alterações em suas funções, sendo isso refletido nos campos morfossintático e semântico. Antes da incorporação, o foco da informação encontrava-se sobre a parte do corpo que se incorporou. Após o processo de incorporação do nome ao verbo, o foco da informação passou a ser o dono da pena, portanto, o possuidor, *mytũ* e não mais a parte possuída, *-pepa*. Esse processo acontece, entre outras razões, porque o nome incorporado deixou de ser objeto direto, que ocupa uma posição de destaque na oração, estando em segundo lugar na hierarquia das relações gramaticais, proposta por Comrie (1989), segundo a qual: Sujeito>Objeto Direto> Objeto indireto> Objeto Oblíquo. Quando o nome passou a fazer parte do complexo verbal, ele perdeu os traços de nomes que se encontram nessa função. Logo, a perda da posição de objeto faz com que ele saia do foco da informação. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que a característica focalização nesse contexto é aplicada à posição objeto, sendo preciso se observar que as duas características individuação e proeminência, típicas de nomes que figuram na posição de objeto, precisam passar por um processo de mitigação quando aplicadas em construções como as que aparecem aqui, já que possuidor e possuído constituem o todo, ou seja, o nome incorporado é parte do novo objeto, obtido via derivação.

Contudo, não é sempre que uma sentença se mantém sintaticamente transitiva diante da incorporação parcial de seu objeto. Quando ocorre a ascensão do possuidor a objeto, pertencendo a parte incorporada ao sujeito da oração, a sentença recebe o prefixo

reflexivo *dje-*, tendo sua transitividade diminuída. Essa característica será mais detalhada ao tratamos das características da IN envolvendo a ascensão no possuidor.

Além da ascensão do possuidor a objeto, em Asurini do Xingu, encontra-se a incorporação de núcleo nominal que funciona como sujeito de sentença intransitiva descritiva, So. Conforme Pereira (2023), esse tipo de sujeito é codificado com pronomes pessoais em função clítica, diferentemente de sujeito de verbos ativos, que é codificado com prefixo da série I.

Tabela 1. pronomes pessoais e prefixos da série I

Pessoas	Pronomes pessoais	Prefixos da série I
1ª P. SG	dje	a-
2ª P. SG	ene	ere-
1ª P. INCL.	djane	txa-
1ª P. EXCL.	ure	uru-
2ª P. PL.	pene	pe-
3ª P. SG/PL	ga (M), ã (F) / gy	u

Fonte: Pereira (2021)

Após a incorporação do núcleo do SN que funciona como So, a sentença mantém sua transitividade baixa, o que pode ser refletido através da codificação de seu sujeito na sentença derivada, já que a codificação de um sujeito de forma idêntica à codificação de um objeto é tratada tipologicamente como um indicativo de transitividade baixa da sentença. Sendo assim, em sentenças intransitivas, podem ser encontrados diferentes graus de transitividade. As sentenças intransitivas, cujos sujeitos são codificados como Sa e que se encontram em concordância ativa com o verbo, são mais altas em transitividades que aquelas sentenças, cujos sujeitos são codificados como So. A razão para isso, entre outros fatores, reside no fato de sentenças com So serem mais descritivas, portanto, propensas a denotarem estados; já sentenças que denotam ação e processo são mais narrativas e eventos narrativos são mais transitivos do que eventos descritivos.

(8a) *ga* *Ø-py* *i-marin*
 3SG.M REL- pé 3-estar.doente
 ‘o pé dele está doente’

(8b) *ga* *i-py-marin*

3SG.M 3-pé-estar.doente
'ele tem doença no pé'

Conforme se pode observar em (8a), *ga* desempenha a função de possuidor, portanto, uma função oblíqua em conformidade com a hierarquia das relações gramaticais, já apresentadas anteriormente. Após a derivação da sentença, esse oblíquo passou a desempenhar a função de sujeito, argumento nuclear. O foco da informação, que antes da derivação estava sobre *-py* 'pé', após a derivação, passou a estar sobre *ga* 'ele', ocorrendo, assim, alterações nos papéis dos participantes da sentença, apesar de continuar uma sentença mais baixa em transitividade, sendo isso refletido na morfossintaxe da oração, pois, além de apresentar um único argumento, este é codificado como So, codificação típica de objeto, caracterizando uma oração de transitividade mais baixa que a intransitiva ativa. Se comparada com uma sentença intransitiva ativa, mesmo aquela derivada por incorporação nominal, percebe-se que sua transitividade é mais baixa, como ilustra o dado abaixo:

(9) ã u-amynidju-pivĩn
 3.SG 3-algodão-fiar
'ela fia (faz fios de algodão)'

No dado acima, a codificação do sujeito é feita de acordo com elementos da estrutura ativa da língua, em que Sa é marcado da mesma forma que A, podendo-se visualizar marcação de concordância ativa entre o verbo e o sujeito. Conforme se pode observar, tanto o dado que aparece em (9) como aqueles que aparecem em (8) constituem sentenças intransitivas. Ao compararmos os tipos de sentenças intransitivas apresentadas em (8) e (9), tem-se que aquele que aparece no exemplo (9) apresenta mais traços de transitividade do que aquele tipo que aparece em (8), a evidência disso, além do fato de (8) ser estativa, pode ser visualizada também na expressão do argumento sujeito.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a ascensão do possuidor em uma sentença derivada por incorporação provoca a diminuição dos traços de transitividade, independentemente da natureza sintática que o argumento incorporado desempenhava antes de sua incorporação: função de sujeito de sentença intransitiva inativa ou função de

objeto direto, ou seja, formalmente, o produto desses processos de IN resulta em sentença intransitiva inativa e sentença transitiva, respectivamente, tal qual se encontravam antes da IN, embora se possa falar de alteração nos papéis semânticos, o que vem corroborar a ideia, segundo a qual é possível ocorrer mudança na atribuição de papéis semânticos em uma sentença sem que isso afete a estrutura sintática da oração, como se pode ver em (8a) e em (8b), sendo o sujeito da oração *ga Ø-py* e *ga* em (8a) e em (8b), respectivamente. A manutenção da transitividade em (7b) e da intransitividade nos dados (8a) e (8b) pode ser visualizada formalmente a partir da codificação de seus argumentos nucleares.

A seguir discutimos propriedades morfosintáticas que refletem a transitividade da construção derivada por incorporação de nomes que figuram como parte do corpo, após a incorporação do nome ao verbo.

Conforme vimos, a incorporação parcial do SN que funciona como objeto direto mantém a sentença transitiva. A transitividade pode ser evidenciada através de elementos morfológicos e sintáticos próprios de sentenças transitivas, como podemos conferir a seguir.

Os dados abaixo mostram que o verbo continua a exibir dois argumentos A e O, após a incorporação do nome ao verbo:

(9a) *mytũ Ø-pepa ere-va'a*
 mutum REL-pena 2-arrancar
 'você arrancou pena do mutum'

(9b) *mytũ ere-pepa-va'a*
 NPR 2-pena-arrancar
 'você despenou o mutum'

No exemplo (9a), podemos observar que o nome *-pepa* funciona como o núcleo do SN que atua como objeto direto na oração, é acompanhado do relacional e do nome *mytũ*. Já no exemplo (9b), ele foi incorporado. Diante disso, o possuidor avançou e ocupou a posição de objeto direto, que se encontrava vazia mediante a incorporação do nome núcleo *-pepa*. Conforme se pode observar, o elemento que funcionava como

possuidor no sintagma nominal, cujo núcleo foi incorporado, passou a funcionar como objeto direto, fenômeno conhecido como ascensão do possuidor. Nesse caso, a sentença continuou transitiva, apesar da ocorrência de rearranjo de seus elementos estruturadores. Dessa maneira, os dados mostram que um verbo transitivo ao incorporar um nome inalienavelmente possuído, cuja função desempenhada no sintagma nominal era núcleo do objeto, muda as relações gramaticais deste com os demais elementos da cláusula. Diante disso, ao invés de a IN intransitivar a sentença, como ocorre no tipo I de incorporação nominal, conforme vimos acima, mantém-na transitiva.

Além da ocupação da posição de objeto, a transitividade da sentença pode ser constatada ainda através da presença do nominalizador *-emi* que ocorre exclusivamente em sentenças transitivas.

- (10) *dje* *r-emi-pepa-va'a*
1SG REL-NZ-pena-arrancar
'pena que arranquei (do mutum)'

Analisando essas sentenças de acordo com a proposta de Hopper e Thompson percebe-se os traços seguintes de alta transitividade:

- a) Dois participantes, o que possibilita a transferência de ação de um para o outro.
- b) Cinese: ocorreu a transferência da ação de um participante para o outro: o paciente *mytũ*, no exemplo (9b) sofreu os efeitos da ação praticada pelo agente *dje*. Ao se referirem a possibilidade de transferência de ação de um participante para o outro, os autores, acima citados, descrevem esse processo nos seguintes termos:

An action can be more effectively transferred to a patient which is individuated than to one which is not; thus a definite O is often viewed as more completely affected than an indefinite one. (...) Similarly with animate and inanimate patients: in I bumped into Charles, there is likely to be a focus of attention on the effect of the event on Charles, or perhaps on both participants; but in I bumped into the table, it is less probable that something happened to the table, and more likely that the effect on the A is being highlighted⁷. (Hopper & Thompson, 1980, p. 253)

⁷ Uma ação pode ser mais eficazmente transferida para um paciente que é individuado do que para um que não é; assim, um O definido é muitas vezes visto como mais completamente afetado do que um indefinido. (...) Da mesma forma com pacientes animados e inanimados: em Eu esbarrei em Charles, é provável que haja um foco de atenção no efeito do evento em Charles, ou talvez em ambos os participantes; mas em eu

- c) Aspecto perfectivo, denotando uma ação télica, já que concluída e transferida de um agente para um paciente.
- d) Pontualidade: a ação de arrancar ocorreu em lapso temporal determinado e teve fim.
- e) Volição: a ação de arrancar foi volitiva.
- f) Polaridade da ação: a oração é afirmativa
- g) Modalidade da oração: modo *realis*.
- h) Agentividade, a ação *-va'a* é praticada pelo participante agente *dje*, que age com controle, tendo como finalidade atingir o participante *mytũ*, que é o paciente.

Ao analisamos o nome *mytũ* nessas construções percebemos que ele apresenta dois componentes constitutivos da função sintática objeto: afetação e individuação, conforme Hopper e Thompson (1980), apresentando os traços [+animado], [+concreto], [+singular], [+contável], [+referencial].

Como se pode ver, as sentenças derivadas, acima expostas, exibem alta transitividade, representando, inclusive, a oração transitiva prototípica.

Além disso, a transitividade da sentença que envolve a ascensão do possuidor pode ser constatada também mediante o uso do prefixo reflexivo, que atua na língua como um mecanismo que reduz a transitividade da sentença, só ocorrendo, portanto, em sentenças de natureza transitiva:

- (11) *ẽ* *py'yka* *paku* *u-awera-ka* *nipari*
 3SG.F Pegar pacu 3-tripas/intestino-tirar NEG
 'ela pegou pacu sem tirar tripas/intestinos'

O enunciado acima foi retirado de uma situação cotidiana. Nesse texto, a mãe da menina se queixa do fato de a filha não ter iniciativa para fazer as coisas, agiria com preguiça, então ela pronuncia esse enunciado em que *paku* atua como possuidor de *-awera*. Como se percebe, o verbo *-ka* 'extrair, tirar' é um verbo transitivo que continua transitivo após a incorporação do nome *-awera*, em virtude da ascensão do possuidor a objeto. Com esse mesmo verbo, é possível a redução de sua transitividade fazendo-se uso

esbarrei na mesa, é menos provável que algo tenha acontecido com a mesa, e mais provável que o efeito no A esteja sendo destacado (Hopper & Thompson, 1980, p. 253, tradução nossa)

do prefixo reflexivo *dje-*, naquela situação já colocada acima, em o nome núcleo incorporado representa um nome que antes da incorporação é possuído pelo atual sujeito.

(12a) *sa-dje-yru -ak*

1PL-REFL-roupa-tirar

‘despimo-nos’

(12b) *e-dje-iry-ak*

2.IIPL-REFL-roupa-tirar

‘tire sua roupa/dispa-se’

Como percebemos, o reflexivo bloqueia a transmissão da ação de um participante agente para um participante paciente, como ocorre em tirar tripas, fazendo desaparecer o sintagma nominal que representaria a evolução do possuidor a objeto direto da sentença, ficando ela apenas com o seu argumento único.

Analisando as duas sentenças, a partir dos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson, o tipo derivado que leva o reflexivo é menos transitivo que as sentenças que não têm o objeto como parte do possuidor, e a justificativa para isso reside no grau de distinção dos participantes envolvidos nas construções: sendo mais distintos na construção transitiva sem reflexivização e, menos distintos na incorporação com reflexivização.

Considerações finais

Neste trabalho discutimos como a incorporação nominal pode afetar a (in)transitividade da sentença em Asurini do Xingu. Partindo da concepção de transitividade como um *continuum* em que um conjunto de traços revela alta transitividade e sua ausência baixa transitividade, ao invés de analisá-la apenas em polos opostos como sentenças transitivas e intransitivas, pode-se constatar, com base nesses traços, que após a incorporação nominal as sentenças podem ter reduzidos seus traços de transitividade a ponto de seus verbos comportarem-se à semelhança de verbos

intransitivos, ou manterem a (in)transitividade das sentenças, mesmo que em alguns casos ocorra a diminuição de traços que tornam uma sentença mais transitiva que outras.

Constatamos que a incorporação total do objeto diminui os traços de transitividade da sentença, fazendo-a se comportar como uma sentença intransitiva da língua. Entre outras características, elencou-se a presença de um único argumento nuclear e o uso de morfema exclusivo de sentença intransitiva, comportando-se tipologicamente como as línguas que apresentam o tipo I de incorporação nominal, conforme a classificação de Mithun (1984).

Contudo, verificou-se também que quando ocorre a incorporação parcial do nome, nos casos de incorporação de nomes inalienavelmente possuídos, ocorre a ascensão do possuidor. Nesse tipo de operação, a sentença tende a manter sua transitividade, embora, em certos casos, como aquele que envolve a incorporação de sujeito de verbo descritivo, possa-se discutir a diminuição de traços de transitividade, já que na concepção de transitividade adotada neste trabalho é possível que entre duas sentenças intransitivas ou transitivas, uma delas tenha mais traços de transitividade que a outra.

Nossa análise mostrou que, apesar de barreiras semânticas e/ou funcionais que podem interferir no uso de mecanismos gramaticais das construções derivadas por IN, é possível se confirmar a transitividade de sentenças derivadas por incorporação nominal através de recursos gramaticais exclusivos de sentenças transitivas da língua, como o uso de nominalizadores e o uso do morfema reflexivo, atuando para reduzir a transitividade da sentença, e a presença de dois argumentos nucleares.

Finalmente, ficaremos felizes se este trabalho puder contribuir de alguma forma com estudos de cunho tipológicos e/ou estudos que vêm se desenvolvendo no seio da família Tupi-Guarani.

REFERÊNCIAS

BAKER, Mark. **Incorporation: A theory of grammatical function changing**. (Ph.D. dissertation). University of Chicago, 1988.

CASTRO, Ricardo Campos. Incorporação nominal e aspecto lexical em Tenetehára. In: **Liames** Campinas, SP, v. 20, 1-27, e020012, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8659153> Acesso 07/04/2026.

COMRIE, Bernard. Causative Constructions. In **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura linguística**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.

CREISSELS, Denis. **Transitivity, valency, and voice**. Porquerolles-França: European Summer School in Linguistic Typology, 2016.

DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, Alexandra Y. Introduction. In R. Dixon & A. Aikhenvald (Eds.). **Changing Valency: Case Studies in Transitivity**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-29, 2000.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An introduction**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2002.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. In: **Language**, 56(2). 251-299, 1980.

KULIKOV, Leonid. Voice typology. In SONG, Jung Ae (ED). **Linguistic Typology: the oxford handbook**. Oxford University Press, 2010.

MITHUN, Marianne. The evolution of noun incorporation. In: **Language**, 60(4): 847-894, 1984.

PAYNE, Thomas E. **Describing morpho-syntax: a guide for field linguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PEREIRA, Antônia Alves. Incorporação nominal em Asuriní do Xingu. In: **Matraga**, v. 30, n. 58, p. 73-88, jan./abril. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/68679/45206> Acesso 07/04/2026.

_____. Causativização em Asuriní do Xingu. In: **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 25, i. 3, p. 22-35, Dec. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/45900/49117> Acesso 07/04/2026

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní. In CABRAL. A. S.; RODRIGUES, A. D. (eds.). **Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História**. Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL. Belém, vol.1, 2002.

ROSE, F. **Morphosyntaxe de L'emerillon: language Tupi-Guarani de Guyane française**. Tese (Doutorado), França, Université Lumière Lyon 2, 2003.

SAPIR, Edward. The problem of noun incorporation in American languages. In: **American Anthropologist**, 13: 250 - 282. Nova Jersey: Wiley, 1911.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000.

VELAZQUEZ-CASTILLO, Maura. **The grammar of possession: inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

VELUPILLAI, Viveka. **An Introduction to Linguistic Typology**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.